

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Educação - FAE
Curso de Especialização em Formação de Educadores para a Educação Básica

Simone Barbosa Sobrinho

**DESENVOLVIMENTO, APRENDIZAGEM E POSSÍVEIS INTERVENÇÕES NO
CONTEXTO DO AUTISMO: Um Estudo De Caso**

Belo Horizonte

2015

Simone Barbosa Sobrinho

**DESENVOLVIMENTO, APRENDIZAGEM E POSSÍVEIS INTERVENÇÕES NO
CONTEXTO DO AUTISMO: Um Estudo De Caso**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Processos de Aprendizagem e Ensino na Educação Básica, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador (a): Luciana da Silva de Oliveira

Belo Horizonte

2015

Simone Barbosa Sobrinho

**DESENVOLVIMENTO, APRENDIZAGEM E POSSÍVEIS INTERVENÇÕES NO
CONTEXTO DO AUTISMO: UM ESTUDO DE CASO**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Processos de Aprendizagem e Ensino na Educação Básica, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Professora Mestre Luciana da Silva de Oliveira (orientadora) – FAE/UFMG

Professora Mestre Daiane Marques Silva –

Belo Horizonte, 09 de maio de 2015.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por ter conseguido chegar a mais uma conquista.

Em especial, ao meu marido, filhos e pais por terem tido paciência com minha ausência em alguns momentos, e mesmo assim me deram força nesta caminhada.

A minha irmã Pat que soube me ouvir nos momentos de fraquezas e sempre me incentivando.

A minha amiga Vanda que me ajudou e contribuiu de forma especial para que eu pudesse chegar até aqui.

Agradeço também á minha orientadora Luciana da Silva de Oliveira que me ajudou com seus conhecimentos com respeito e paciência e a todos os professores pelo conhecimento e transmissão.

Às amigas do AEE Aline e Ivani que me ajudaram com suas experiências e apoio.

Às amigas de escola Geise, Cida e Míriam que me apoiaram sempre e muito especialmente Marlúcia e Jacqueline, que sem elas seria bem mais difícil a conquista, pois souberam transformar o cansaço em força e incentivo.

E a todos que de alguma forma contribuíram para mais esse crescimento pessoal e profissional.

Somos diferentes, mas não queremos ser transformados em desiguais. As nossas vidas só precisam ser acrescidas de recursos especiais.

(Peça de Teatro Vozes da consciência, Belo Horizonte, 2015).

RESUMO

Este trabalho se configura como um estudo de caso de um aluno portador de espectro do autismo, e teve por objetivo investigar seu desenvolvimento, aprendizagem e possíveis intervenções no contexto escolar, uma instituição da Rede Municipal de Belo Horizonte. A pesquisa partiu dos pressupostos da pesquisa-ação, e utilizou a observação como instrumento de investigação. Os dados foram analisados em diálogo com as contribuições de autores como Cunha, Santos e Vigotski. Pudemos concluir que uma criança portadora de autismo pode aprender e se desenvolver no contexto de uma escola regular desde que seja realizada uma intervenção docente coerente com suas especificidades. No caso em foco, a demonstração de afeto, pela professora, e a descoberta de que o aluno tinha preferência pelo desenho e pela pintura, constitui-se como importante elo de socialização e de abertura a novos conhecimentos.

Palavras chave: autismo, desenvolvimento, aprendizagem, afeto, intervenção.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	13
3 METODOLOGIA.....	16
4 DISCUSSÃO E ANÁLISE	17
4.1 Contexto	17
4.2 O que é autismo?.....	19
4.3 Observação e intervenção.....	20
4.4 A questão do afeto.....	23
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS.....	30
ANEXOS.....	31

1 INTRODUÇÃO

Meu nome é Simone Barbosa Sobrinho. Nasci na cidade do Rio de Janeiro. Iniciei minha vida escolar aos seis anos de idade na Escola Municipal Amapá, cursando a Educação Infantil. Na época lembro-me que a professora, chamada Marta, era muito despreparada e tentou alfabetizar a turma com uma cartilha verde - a qual não lembro o nome - fazendo com que todos lessem, todos os dias, sem ao menos saber para quê e por quê.

Aos sete anos ingressei na primeira série do ensino fundamental, na mesma instituição, com a professora Geni, a qual permaneceu com a minha turma até a quarta série. Essa professora foi tão significativa e importante na minha vida que me lembro de sua aparência até hoje. Minha alfabetização ocorreu de forma prazerosa, com jogos e materiais que estimulavam meu conhecimento, minha vida social, e hoje sei avaliar que houve alfabetização com letramento, pois a professora usava vários materiais de estímulos, como bilhetes, adesivos, e também, intervia na leitura de forma colaborativa para meu crescimento estudantil. Me espelhei muito nessa profissional, e isso fez com que eu resolvesse querer ser professora para agradar e ensinar meus alunos do mesmo jeito que ela fazia com os alunos dela.

Quando fui para a quinta série, precisei mudar de escola, pois a mesma só oferecia até o antigo primário. Fui para a Escola Municipal Itália, permanecendo ali até a oitava série. De lá tenho poucas memórias significativas, apenas me lembro que fui uma boa aluna, tive bons professores e muitas amigadas.

Aos 14 anos chegou o momento de ir para o ensino médio, antigo segundo grau. Voltou, então, a grande vontade de me tornar professora, e assim resolvi prestar concurso para a melhor escola de formação de professoras do Estado do Rio de Janeiro, a famosa Escola Normal Carmela Dutra que, posteriormente, passou a ser chamada de Colégio Estadual Carmela Dutra. Com grande êxito fui classificada e ingressei naquela escola linda, com professores excelentes. Até o uniforme de lá era encantador, aos meus olhos: saia de pregas, blusa branca com manga comprida, gravatinha borboleta, abotoadura e uma tarjeta no peito que dizia: “Professoranda” Simone.

Me dediquei muito e no segundo ano começaram os estágios obrigatórios para a conclusão do curso. Lembro-me de que lecionar não parecia tão bom para os professores quanto eu imaginava, mas não desisti e me formei sendo sempre uma boa aluna. Após os três anos de magistério, fiz um concurso, na mesma instituição, voltado para estudos adicionais de

métodos e técnicas de alfabetização com a duração de um ano. Esse curso também foi muito proveitoso para a minha prática profissional. Logo comecei a trabalhar em uma escola particular chamada Galinho de Ouro, a qual se constituiu como contexto muito enriquecedor para adquirir experiência na prática pedagógica. Porém, após um ano, precisei me mudar de cidade, vindo morar em Belo Horizonte, Minas Gerais.

Logo ao chegar a BH, comecei a trabalhar em uma escola particular chamada Pedacinho do Céu, alfabetizando grupos pequenos de alunos. Foi uma experiência muito boa, pois era lindo ver as crianças sendo alfabetizadas e a proposta pedagógica da escola ajudava muito para o desenvolvimento de uma aprendizagem significativa aos alunos. Baseava-se no desenvolvimento de uma prática de leitura e escrita na perspectiva de alfabetizar letrando. Enquanto via os alunos crescendo, me sentia realizada profissionalmente por estar contribuindo para a formação de cidadãos críticos e participantes da sociedade.

Depois de alguns anos a escola fechou, pois a proprietária mudou-se para outro estado. Como a maioria das escolas estava exigindo o nível superior, resolvi mudar de área e fui trabalhar em um banco durante seis anos. Não gostei dessa profissão e resolvi voltar a lecionar, mas para isso, tinha que encarar o vestibular. Comecei a estudar para o concurso de Normal Superior e, no meio do ano de 2003, prestei vestibular na Universidade Presidente Antônio Carlos (Unipac), em Vespasiano.

Para minha alegria, fui classificada em segundo lugar e poderia voltar para a profissão na qual eu realmente me realizava. O curso foi muito bom, pois me atualizou em várias áreas do magistério. Logo em seguida, prestei concurso para a Rede Municipal de Ensino de Vespasiano e lá trabalhei com o segundo ano do ensino fundamental.

A escola era bem diferente das quais eu havia trabalhado, primeiramente, porque era pública. Havia alunos de todos os níveis de escrita e isso fez com que eu refletisse muito e buscasse técnicas de intervenção pedagógicas mais eficientes para que a turma apresentasse um rendimento satisfatório.

Primeiramente, procurei resgatar a autoestima, pois muitos alunos, além de serem carentes, eram rejeitados, principalmente pelas famílias. Logo em seguida, procurei estimular a cultura historicamente acumulada de cada um, partindo para a alfabetização com vistas a alcançar o letramento. Decidi não apenas ser mais uma professora na vida daquelas crianças, mas sim, ser alguém que os estimulasse a serem cidadãos críticos e, para meu contentamento, consegui, com grande parte da turma. Lembro-me de um aluno chamado Gustavo que era rejeitado pelos colegas, devido à sua “agressividade”, e, também, por alguns professores pelo

“péssimo comportamento”. Diziam que ele não fazia nada em aula e só rasgava papel. Um dia ele escreveu que me amava (a escrita foi difícil de entender) e eu agradei, com um gesto de carinho, e mostrei a ele como escrevia aquela frase corretamente. Dali em diante, a cada dia as cartinhas aumentavam e ele se mostrava estimulado a saber se escrevia certo ou errado. Não houve registro de atividades em seu caderno, porém ele mostrou para a escola que foi alfabetizado com cartas carinhosas para mim, pois havia interesse e significado para ele. Gradualmente ele foi mudando seu comportamento e melhorando a cada dia. Esse aluno me mostrou o quanto é importante e gratificante fazer a diferença na vida das pessoas.

Em 2007, ingressei na Rede Municipal de Ensino de São José da Lapa e lá trabalhei com educação infantil. Para minha surpresa percebi que, por ser uma cidade pequena, e a escola na qual trabalhei estar situada em um bairro bastante carente, as famílias tratam os professores com respeito e valorização. Obtive apoio familiar e, com esse suporte, os alunos foram alfabetizados de forma tranquila e prazerosa.

Em 2008, pedi exoneração desse cargo por ter sido convocada para ingressar, através de concurso público, em um município mais próximo de minha residência. Assim, ingressei na Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte, iniciando meu trabalho na Escola Municipal Professor Daniel Alvarenga. A comunidade na qual a escola está inserida é de extrema carência socioeconômica e nosso trabalho é voltado para projetos que transmitam valores, buscando inserir os alunos na sociedade de forma mais igualitária. Lá não temos parcerias com as famílias, pois a maioria dos pais ou estão presos ou vivenciam problemas de álcool ou drogas. Diante disso, trabalhamos com projetos que procuram mudar a visão que eles possuem, tendo em vista que comportamento gera comportamento.

Em 2009 comecei a trabalhar com extensão de jornada na Escola Municipal Cônsul Antônio Cador com o Projeto de Intervenção Pedagógica (PIP). Este projeto busca alfabetizar alunos que não foram alfabetizados ao longo do ciclo, e trata-se de um trabalho para o qual é necessário total dedicação e empenho, pois estes alunos, em geral, também possuem baixa autoestima. Dessa forma, o projeto é voltado para alfabetizar resgatando as perdas que foram ocorrendo ao longo dos anos, com temas que estimulam a todos, voltados para sua realidade. Posso citar como exemplo de proposta, o grafismo como arte, e não uma simples pichação de palavras e desenhos de gangues.

Vale ainda ressaltar que o PIP promove encontros entre os professores de modo a possibilitar trocas de experiências, como também, palestras com profissionais da saúde, o que

é tão importante, porque nos mostra realidades existentes em nossos alunos que não podemos, muitas vezes, perceber por não sermos preparados para tal função.

No início de 2012, assumi uma nova matrícula na Prefeitura de Belo Horizonte, e, com isso precisei sair do PIP. Em 2013, lotei na Escola Municipal Milton Campos, na qual ainda permaneço e tomo como *lócus* de pesquisa neste trabalho. Assumi a referência de uma turma de primeiro ano do primeiro ciclo nesta escola, além de manter o mesmo cargo na Escola Municipal Professor Daniel Alvarenga.

Em ambas as escolas, estamos realizando ótimos projetos que vêm alcançando resultados excelentes, pois estamos alfabetizando letrando, os alunos estão sendo estimulados com leituras significativas e está sendo explorado o hábito e o gosto por ler, uma vez que trabalhamos com jogos de alfabetização do projeto Trilhas e Livros do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) 2012,2013 e 2014.

Em 2014 participei do Plano Nacional de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), que possui bons materiais, mas, ainda necessita de formadores mais qualificados para que esse curso não seja apenas repasse de informações, mas sim, um suporte valioso para nós, profissionais da educação.

Portanto, busco através dos conhecimentos dessa especialização, um apoio para minha prática profissional, não apenas na área de alfabetização, mas em todas as áreas que perpassam o trabalho educacional (aspecto neurológico, psicológico, etc.) uma vez que trabalhamos com uma educação inclusiva, mas somos pouco preparados para essa realidade que desempenhamos. E quero sim, ser uma profissional com práticas inovadoras, reflexivas e qualitativas. Quero poder fazer a diferença na vida das crianças com deficiências, principalmente com os alunos portadores do transtorno do espectro autista (TEA), pois são alunos com grandes capacidades intelectuais, como tenho observado. Atualmente, porém, muitas vezes, esses alunos são excluídos do processo de alfabetização por serem e agirem diferentemente do padrão considerado normal pela nossa sociedade.

Através desse questionamento, sobre como trabalhar de forma mais significativa com alunos de inclusão, resolvi investigar quais as possibilidades de alfabetização de um aluno autista, identificar as dificuldades apresentadas por ele, analisando a rotina e as expectativas dele dentro do processo ensino e aprendizagem. A questão de partida desse estudo é: ***como ocorre o desenvolvimento e a aprendizagem de um aluno autista?*** Por objetivo geral, temos: investigar como o ocorre o desenvolvimento e a aprendizagem de um aluno autista. Quanto aos objetivos específicos, são: i) Identificar as dificuldades apresentadas pelo aluno autista

quanto a socialização, e ii) Analisar a rotina e as expectativas do aluno com síndrome de autismo, no cotidiano escolar.

2 REVISÃO DE LITERATURA

O autismo é um distúrbio do desenvolvimento e devido à sua complexidade, nenhum modelo e nenhuma abordagem metodológica, clínica ou terapêutica, por si só, pode compreendê-lo. Desde sua primeira descrição até os dias de hoje, os estudiosos dessa deficiência buscam novos entendimentos.

Ao me deparar com um aluno com TEA em minha sala de aula, resolvi investigar como ocorre o desenvolvimento e a aprendizagem de um aluno autista em uma escola regular. Para tanto, primeiramente recorri a pesquisas e sites na Internet como Scielo (*Scientific Electronic Library Online*) e ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação), e considerei livros, teses, artigos, entrevistas e dissertações. As pesquisas estão sendo de grande valia uma vez que estou encontrando respostas bem claras para a maioria das dúvidas que me afligem acerca de como intervir, em sala de aula, com o aluno portador da TEA.

A partir dos trabalhos encontrados, percebo que a principal dificuldade do autista, durante o processo educacional, está diretamente ligada ao relacionamento, pois apesar de estarem em grupos, são pessoas que necessitam de tratamento individualizado.

De acordo com Eugênio Cunha (2013), em seu livro *Autismo na escola - um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar*, a questão do autismo no contexto escolar demanda a possibilidade de professores e alunos autistas interagirem, de modo que se construam, na diferença e pela diferença, alternativas frutuosas de ensino e de aprendizagem. Ele ressalta, também, a mudança paradigmática que a Lei Federal nº 12.764/2012 representa no tocante à abordagem pedagógica do autismo no ambiente escolar: esta lei instituiu a política nacional de proteção dos direitos da pessoa com TEA e estabelece diretrizes para sua consecução. Acredito que existe sim, cada vez mais, a necessidade de efetivamente incluir as crianças autistas na escola regular, pois só assim aprenderemos e ensinaremos com as diferenças, oportunizando a todos, interações com as diferenças. Todavia, é fundamental reconhecermos que mesmo existindo, nem sempre a lei é cumprida de forma a fornecer as adequações necessárias no ambiente para tais alunos, propiciando-lhes ambientes saudáveis, tranquilos e respeitosos.

A entrevista com José Ferreira Belisário Filho, médico psiquiatra, à *Revista Inclusão*, em 2010, foi muito proveitosa para meus estudos, pois o psiquiatra esclarece questões relacionadas ao autismo e fortalece a ideia de que essas crianças devem, sim, estar na escola

comum. Para Belisário Filho, não é preciso que a escola trate o autismo, pois a educação não trabalha, diretamente, com a saúde, mas é necessário fazer mediações que oportunizem o desenvolvimento de seus portadores. É necessário pensar no que a criança precisa conquistar e não em suas dificuldades.

No livro *Educação especial - inclusão escolar da criança autista*, de José Evanildo Ferreira dos Santos (2011), são apresentadas propostas, aos educadores, que possibilitem favorecer o desenvolvimento de uma criança com autismo com recursos e intervenções. Atividades práticas, como por exemplo, praticar sons específicos da articulação da fala em uma canção, demonstrar para o aluno que quando se diz uma palavra inteira, de forma clara, ele é melhor compreendido. Essas e outras intervenções podem fazer a diferença no desenvolvimento dessas crianças, promovendo maior aquisição de habilidades importantes para uma vida funcional.

Já o livro *Autismo, educação e transdisciplinaridade*, de Carlo Schmidt (2013), tem contribuído, de modo mais pragmático, com intervenções educacionais, através de estudos de caso e seus comentários de cada acontecimento existente no processo, além de exemplos sobre comunicação alternativa e ampliada para pessoas com autismo, musicoterapia, teatro e outras intervenções. Isso faz com que eu construa um olhar diferenciado quanto às intervenções destinadas ao meu aluno com TEA.

O estudo de Fernanda de Araújo Binatti Chiote, *A mediação pedagógica no desenvolvimento do brincar da criança com autismo* (2012), mostrou que o brincar favorece, também, o desenvolvimento das crianças com autismo, assim como sua interação com outras crianças. Mostrou também que a mediação pedagógica, na situação de brincadeiras, é fundamental para que o brincar e o aprender se tornem significativos para o aluno, e que se conheçam mais formas de interagir com ele.

Quanto ao artigo de Michele Araújo Santos e Maria de Fátima de Souza Santos (2012), sobre representações sociais de professores sobre o autismo infantil, este investigou, através de entrevistas, as ideias de senso comum que circulam entre professores acerca do autismo infantil. Buscou-se compreender a lógica interna de tais teorias populares, mapeou-se os saberes que as apoiam e as imagens que as concretizavam. Foram feitas entrevistas entre professores experientes na educação com crianças autistas, e com professores inexperientes no mesmo campo. Verificou-se que mesmo os professores que possuem certas dificuldades com tais alunos e que os fantasiam, algumas vezes, tendem a acertar os repertórios diversos que atingem esse tema, como achar que os autistas possuem inteligência acima da média, ou

deficiência intelectual. Quanto aos professores experientes, também encontram dificuldades pelos alunos com TEA serem, muitas vezes, tão diferentes uns dos outros. Compreendemos, assim, que faz-se necessária uma teoria de conhecimento social que tenha o dinamismo como partida.

Outro estudo que me foi de grande valia foi o de Carlos Schmidt, intitulado *Transtornos do espectro do autismo na escola - protagonismos no processo inclusivo* (2012). Através dele reafirmei a ideia de que nós, educadores, devemos aprender a lidar com a variabilidade de comportamento dos portadores da TEA para conseguirmos uma boa escolarização do mesmo, considerando sempre a participação da família junto à escola. Schmidt ressaltou a importância de considerar o papel dos protagonistas centrais: a escola, a família, o aluno com autismo e seus colegas, para que juntos busquem, assim, o sucesso nesse processo. Acredito que para termos bons resultados de escolarização é necessária a concretização da parceria com a família e os colegas, pois não queremos somente uma boa alfabetização, mas também uma socialização coerente com o desenvolvimento do indivíduo como cidadão participativo na sociedade.

Esses foram, afinal, os achados até então. Quero continuar pesquisando, vendo documentários, filmes, livros e etc. sobre como ocorre o desenvolvimento e a aprendizagem de alunos com TEA.

Por serem, os autistas, pessoas realmente especiais, no sentido de que estão entre nós, mas vivem em um mundo próprio com suas barreiras e especificidades, são pessoas dignas de respeito como as outras, com inúmeras possibilidades de aprendizagem que nem sempre são exploradas por seus familiares e educadores. Quero aprender, cada vez mais, para tentar fazer a diferença na vida dessas crianças, reconhecendo que a inclusão é um desafio e que cada portador de autismo é um ser único. Não existe um modelo a ser seguido, mas sim o desafio permanente de conhecer e oferecer possibilidades de avanço para cada um deles, de forma singular.

3 METODOLOGIA

Toledo e Jacobi (2013) apresentam a metodologia da pesquisa-ação quanto aos seus princípios, aplicação e contribuição para a área educacional. Em todo o mundo vêm aumentando as metodologias de pesquisa de caráter participativo e esta tem grande importância, pois envolve diretamente os grupos sociais, buscando interações para soluções dos problemas e promovendo articulação entre teoria e prática.

A pesquisa-ação na educação valoriza a postura investigativa do professor com o objetivo de melhorar a sua prática, através de mudanças nas políticas e nas práticas institucionais. Ao posicionar-se durante a investigação e ação, o pesquisador passa a exercer uma função política para que sejam encontradas respostas e soluções, na situação investigada, capazes de transformar os sujeitos com as ações práticas. Assim, na pesquisa-ação as intervenções passam a fazer parte do objeto de pesquisa e os conhecimentos aprendidos passam a ter importantes considerações para se trabalhar com vários grupos e não apenas com o grupo investigado.

A investigação, nesse viés, desenvolve um processo de aprendizagem coletiva, pois os resultados encontrados no processo oferecem novos ensinamentos a todos. A pesquisa requer uma reflexão constante sobre a ação em todas as etapas do processo, uma vez que se pressupõe o fortalecimento dos indivíduos como sujeitos sociais, e a tomada de consciência durante a interação entre os pesquisadores e as pessoas que vivenciam situações semelhantes.

Na pesquisa-ação não se deve apenas mostrar as teorias e as práticas estudadas, mas sim as críticas, as possíveis intervenções e o enfrentamento de problemas para a real contribuição na implementação das políticas públicas, no caso, educacionais.

Enfim, a pesquisa-ação está sendo de grande valia na área educacional, pois estimula a autonomia dos sujeitos por meio da construção dialógica de saberes, o desenvolvimento das práticas cidadãs e a busca de soluções para os problemas, de forma interativa, contribuindo assim, para a implementação de políticas públicas que sustentem a educação (TOLEDO e JACOBI, 2013).

4 DISCUSSÃO E ANÁLISE

O presente trabalho procura discutir as possibilidades de aprendizagem de um aluno autista no contexto escolar, o que compreende intervenções e estímulos para auxiliar seu processo de desenvolvimento. Para investigar o tema, foi feita a observação diária do aluno, na escola, ao longo de 12 meses.

O aluno Davi, no ano de 2014, estava com sete anos. Antes mesmo do início do presente trabalho, ele vinha sendo observado há cerca de dois anos. É possível constatar, ao longo do tempo, que ele está respondendo positivamente às intervenções realizadas na escola, o que dialoga com a premissa do médico Belisário Filho (2010), de que as crianças com TEA devem frequentar a escola regular.

Compreendemos que, na escola regular, os alunos portadores de deficiência podem vivenciar situações que os estimulem a superar suas limitações, a ver como agem as crianças sem deficiências. A todo o momento são trabalhados vários aspectos, com todas as crianças, como a linguagem oral, a socialização e o respeito às diferenças. Conseqüentemente, as crianças irão sendo estimuladas pelo professor-mediador e tenderão a serem capazes de acreditar e confiar em si mesmas. A aprendizagem irá acontecer gradativamente, e a socialização com outras crianças, no caso do TEA, ajudará em seu cotidiano. Percebemos que existem dificuldades para a inclusão de alunos autistas e dos demais alunos com outras deficiências, devido a problemas como espaço físico e outros. Porém, ainda acreditamos que a inclusão desses alunos em escolas regulares é o caminho certo para seu bom desenvolvimento.

4.1 Contexto

A escola onde foi realizado o presente trabalho chama-se Escola Municipal Milton Campos e está localizada na região de Venda Nova, no bairro Mantiqueira, no município de Belo Horizonte. A escola foi fundada no dia 23 de março de 1976 e é considerada tradicional no bairro. É uma escola de periferia e atende a uma clientela socioeconomicamente carente. A maioria dos habitantes provém de famílias de classes populares, com nível de escolaridade baixo.

A instituição atende do 1º ao 9º ano do ensino fundamental na modalidade regular e na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Seu prédio possui 18 salas de aula, um laboratório de

informática e de ciências, uma biblioteca, uma sala de mecanografia, secretaria, banheiros, sala dos professores, sala da direção, três quadras e um parquinho. Em 2014, essa estrutura abrigava 36 turmas de ensino fundamental, uma turma de projeto de floração e quatro turmas na modalidade EJA, perfazendo um total de 1.120 alunos.

A partir de 2009, foi implantado o atendimento, em dois turnos, do programa Escola Integrada, que contava, em 2014, com cerca de 350 alunos. O objetivo era promover atividades extraclasse, envolvendo, por exemplo, esportes e lazer. Nos fins de semana, a escola também se abre para a comunidade, através do programa do governo federal, Escola Aberta, atendendo, em média, a 250 alunos e pessoas da comunidade, oferecendo oficinas artesanais, atividades de recreação e esportes.

A instituição desenvolve, ainda, outras ações educativas e sociais como, o programa de Saúde na Escola - que tem a finalidade de contribuir para a formação integral dos estudantes da educação básica com ações de prevenção, promoção e atenção à saúde -; o Projeto de Intervenção Pedagógica (PIP) - destinado aos estudantes do ensino fundamental com defasagem no processo de apropriação do sistema de escrita alfabética -; e o Programa Aceleração de estudos/Floração, que atende aos estudantes entre 15 a 19 anos de idade que apresentam distorção de idade/ano de escolaridade. Estes programas são ações que acontecem de forma paralela ao trabalho do professor, em sala de aula, com o objetivo de ampliar os momentos de formação dos alunos.

Nesse contexto, vale destacar o Atendimento Educacional Especializado (AEE) que é oferecido em uma das salas de aula da escola, com materiais didáticos e pedagógicos, recursos de acessibilidade e outros equipamentos específicos para os alunos das escolas da região que apresentam deficiência visual, auditiva, física, intelectual, TGD (transtornos globais de desenvolvimento) e altas habilidades. Davi, o aluno com TEA que foi focado na presente pesquisa, não participa desse atendimento, que é oferecido em contra turno. Sua mãe afirma que não pode levá-lo e diz que ele já faz tratamento com terapia ocupacional, psicóloga e fonoaudióloga. Assim, ela não se interessou pelo serviço oferecido do AEE.

É fato que a educação de alunos portadores de algum tipo de deficiência tem sido objeto de preocupação há vários anos por parte dos governantes e educadores. A Escola Municipal Milton Campos tem buscado encontrar sucesso para tais alunos trabalhando com a equipe do AEE - que é composta por professores da rede que recebem formação continuada, semanalmente, sobre a teoria e sobre estudos de caso de alunos portadores de necessidades educacionais especiais. O enfoque desse atendimento é observar o aluno, buscando orientar a

família e toda a escola, além de organizar a rotina. No tocante ao aluno, procura-se ampliar sua participação e desenvolver e ampliar sua capacidade de comunicação, de modo a transmitir desejos e necessidades, bem como ampliar sua linguagem receptiva e expressiva.

Muitas dúvidas dos profissionais da escola estão sendo superadas, na medida em que estudos vão sendo realizados. Há um compromisso com o ensino de qualidade e a busca por oferecer os estímulos sugeridos, de modo a contemplar as especificidades de todos e particularmente do aluno com TEA observado.

4.2 O que é autismo?

De acordo com Santos (2011), autismo ou transtorno do espectro autista (TEA) é uma desordem que afeta a capacidade da pessoa comunicar-se, de estabelecer relacionamentos e de responder, apropriadamente, ao ambiente que a rodeia. O autismo, por ser uma perturbação global do desenvolvimento, evolui com a idade e se prolonga por toda a vida. É um transtorno global do desenvolvimento anormal ou alterado, apresentando uma perturbação característica do funcionamento em cada um dos três domínios seguintes: interações sociais, comunicação, comportamento focalizado e repetitivo.

Embora seja uma deficiência conhecida, ela ainda surpreende pela diversidade de características. No entanto, usualmente, o autismo contempla pelo menos metade das características listadas abaixo e que precisam ser observadas desde cedo:

- . Pouco ou nenhum contato visual;
- . Aparente insensibilidade à dor;
- . Preferência pela solidão;
- . Modos arredios;
- . Rotação de objetos;
- . Inapropriada fixação em objetos;
- . Perceptível hiperatividade ou extrema inatividade;
- . Ausência de respostas aos métodos convencionais de ensino;
- . Insistência na repetição, resistência à mudança de rotina;

- .Ausência real de medo do perigo (falta de consciência de situações que envolvem perigo);
- . Procedimentos com poses bizarras;
- . Ecolalia (repete palavras ou frases em lugar de linguagem normal);
- . Recusa a colo ou afagos;
- . Age como se estivesse surdo;
- . Dificuldade em expressar necessidades;
- . Acessos de raiva;
- . Irregular habilidade motora (SANTOS, 2011).

Quanto ao aluno observado, Davi, este apresenta isolamento em relação aos colegas, fixação obsessiva a determinados assuntos, como pássaros, ou a fazer desenhos a todo o momento, mesmo quando incentivado a participar de outras atividades. É um aluno que precisa ser questionado diversas vezes, para expressar suas opiniões e, às vezes, demonstra irritabilidade com gritos inesperados. Em muitos momentos se desliga da realidade fixando objetos que viram brinquedos em sua mente e apresenta uma notória necessidade de balançar se entre as mesas.

4.3 Observação e intervenção

Durante os estudos, como professora de Davi, fui aprendendo e pondo em prática o que os autores falavam e ensinavam sobre como intervir com os alunos autistas. Primeiramente, fui partindo do afeto para depois estimulá-lo a uma socialização e, também, realizar intervenções pedagógicas que contribuíssem para seu desenvolvimento.

Assim, para a pesquisa, sistematizei a observação desse aluno, então com sete anos de idade, portador de síndrome de autismo. Percebi que ele se mantinha, muitas vezes, “desligado” da realidade, envolvido em seus pensamentos. Constantemente parava de fazer as atividades para se envolver com recortes e colagens. Gostava muito de desenhar e pintar, principalmente desenhos de passarinhos, aos quais demonstrava ter grande fascínio.

Davi estava desenvolvendo bem seu processo de alfabetização, porém, demonstrava insegurança e às vezes necessitava, constantemente, da minha intervenção como professora-referência, não aceitando a ajuda dos colegas ou de outros professores. Costumava gritar

durante as explicações dadas em aula. Assim, sua socialização, na maior parte do tempo, se mostrava limitada ao afeto somente com a professora, pois só se relacionava com os colegas nos momentos de pintura em que era muito elogiado por eles e demonstrava sentir-se muito feliz.

Durante as brincadeiras, fora de sala de aula, evitava o contato com seus colegas, preferindo permanecer sozinho. Nos ambientes ao ar livre sempre se dispersava, observando os pássaros e imitando-os com gestos de bater os braços, tentando “voar”.

Também foi possível constatar que o aluno demonstrava-se muito tenso com mudanças de rotina, especialmente em excursões. Diante de tal situação, como professora, eu comecei a conversar com ele e a mostrar fotos de passeios realizados com outros alunos, além de estimulá-lo a participar das excursões, mostrando-o que sair ou participar de atividades diferenciadas, dentro ou fora da escola, pode ser bom. Ele passou a ficar curioso e com mais tranquilidade em tais participações, porém, sempre comigo por perto, parecendo ser um elo de segurança e tranquilidade. Ao longo do tempo, percebi que a escola ainda não possui o suporte adequado para atender a alunos com deficiências, tanto devido ao seu espaço físico, pois não tem estrutura como rampa, mobiliários apropriados, como também não conta com profissionais especializados para atender melhor às necessidades dos alunos portadores de deficiências. Durante todo o ciclo de alfabetização, procurei estratégias que ajudassem Davi, mesmo diante da falta de suporte com a qual nos deparamos, todos os dias.

Ao longo das intervenções pedagógicas, procurei não apresentar atividades longas demais para que estas não desestimulassem Davi. Fiz horários visuais que o ajudassem na noção do tempo e no controle da ansiedade. Na hora do recreio ele sempre pedia que os colegas o chamassem para brincar, tentando ajudar em sua timidez ou “necessidade” de isolamento.

No início do trabalho, a maior dificuldade era a socialização. Davi não interagia de modo algum com os colegas. Ao longo da observação, percebi qual era a motivação maior de Davi, o que lhe dava gosto e prazer na escola: desenhos e pinturas e, também, sua imitação de pássaros. No pátio da escola ele sempre olhava para o céu, procurando as aves, e, ao se deparar com os animais, os imitava. Já, durante as aulas de arte, pedia para desenhar ou pintar aves. Muitas vezes, durante as aulas de outras disciplinas, ele tirava folhas do caderno e viajava, em seu mundo, com os desenhos de pássaros. Primeiramente, ele fazia os desenhos, mas não me mostrava. Fui chegando e o elogiando, o que lhe deu, visivelmente, sensação de prazer e contentamento.

Gradativamente, ao ser elogiado por mim, passou a criar autoconfiança e a se sentir mais seguro em compartilhar suas conquistas e suas dificuldades com o grupo. Em termos práticos, posso dizer que primeiramente passei a reconhecer as habilidades do educando e as que devem ser adquiridas. Como professora, comecei a estimular Davi com seus desenhos, fornecendo tintas, pincéis e telas para suas pinturas. Diante das produções, seus colegas de sala passaram a elogiá-lo sempre, o que muito contribuía em sua socialização.

No início da pesquisa, Davi não demonstrava se estava triste ou alegre ao estar sozinho, apenas se isolava. Quando começou a ser elogiado pelos seus colegas, passou a gostar dos elogios e se autoafirmar, pois desenhava ou pintava e mostrava para os colegas, aguardando ser elogiado. Isso foi contribuindo para sua socialização, uma vez que passou a interagir com eles e sorrir, sempre.

De acordo com Cunha (2013), o professor precisa sempre usar palavras de incentivo para os estudantes, como também, crer e fazê-los crer que são importantes. Aceitando essa afirmação, busquei um trabalho de estímulos e elogios a todo o momento, e isso fez com que Davi acreditasse em si mesmo.

Outra ação que se mostrou importante foi esclarecer, de modo antecipado, a rotina. Através de gravuras, sistematizava o que iria acontecer posteriormente. Assim, Davi não se agitava e tirava benefícios da organização das atividades.

Para que o trabalho não se restringisse somente à instituição escolar, chamei a mãe e conversei com ela propondo que fizesse o mesmo em casa, para que pudesse contribuir com o desenvolvimento de Davi como pessoa e cidadão participante na sociedade. Ela prontamente concordou e fizemos uma parceria.

Durante as atividades recreativas, Davi, inicialmente, sempre se isolava, negando qualquer participação em grupo. Segundo Antunes (2004)¹, citado por F. dos Santos (2011), as brincadeiras têm um papel fundamental na estruturação do psiquismo da criança pois, é no ato de brincar que a criança utiliza elementos da fantasia e a realidade começa a se distinguir do imaginário. É através da brincadeira que a criança desenvolve não só a imaginação, mas, também, fundamenta afetos, elabora conflitos e ansiedade, explora habilidades e, na medida em que assume múltiplos papéis, fecunda competências cognitivas e interativas. Eu incentivava o Davi a brincar, dentro ou fora de sala de aula, porém ele via suas pinturas e desenhos como brincadeiras, pois eram atividades prazerosas para ele. Procurei incentivar Davi, estabelecendo a relação dele com as outras crianças, facilitando sua interação social, de

¹ Sem referência.

modo geral, e buscando soluções em situações diferenciadas e inusitadas durante as brincadeiras, propiciando-lhe vivências e experiências de aprendizagem.

Algumas fotos destes momentos e dessas atividades com Davi se encontram no **ANEXO**, ao final deste trabalho.

Para Vigotski (1991) a essência da brincadeira é a possibilidade que a criança tem de evidenciar maneiras simbólicas às motivações, aos planos, às intenções, criando uma nova relação entre situações reais e preenchendo suas próprias necessidades. Ajudar uma criança com brincadeiras e atividades pelas quais ela se sente motivada é o que faz a maior diferença no desenvolvimento de uma criança autista. Acredito que o ponto fundamental é encontrar a motivação para essas crianças, pois se isso não ocorrer, a aprendizagem pode tornar-se menos significativa e o professor deverá sempre procurar uma mediação para a solução do fato, em busca do bom desenvolvimento do educando.

Compreendo que toda sociedade e, especialmente a escola, tem papel fundamental na aprendizagem de alunos com TEA e quero buscar todas as fontes necessárias para fornecer subsídios que ajudem crianças como Davi em seu desenvolvimento integral como pessoa.

4.4 A questão do afeto

Durante todo estudo, percebi que não existem métodos ou estratégias adequados para que estes alunos consigam desenvolver capacidades para se integrar e interagir com outras crianças. O que deve existir, sempre, são motivações para as habilidades específicas de cada aluno através do afeto. A questão do afeto percorre todo o histórico da educação, sendo que não podemos menosprezá-lo se realmente queremos educar. O aluno com TEA precisa ser amado, aceito, acolhido. Isso já é uma prática pedagógica inclusiva. Todos os atores escolares devem demonstrar compreensão e respeito pelas diferenças, reconhecendo a todos como cidadãos. Através desse papel do educador, as outras pessoas observam e tendem a repensar sua postura diante dos alunos.

Nesse caso específico, foi necessário apenas encorajar Davi para desenvolver seu gosto pela arte, através de sua habilidade com o desenho e a pintura, de modo que criasse autoconfiança e, posteriormente, os acordos necessários em busca de novos conhecimentos.

Passei a ser uma mediadora do processo ensino aprendizagem do Davi, mas sempre respeitando seu tempo limite de interesse, pois, em determinados momentos, era necessário

mudar o foco porque sua concentração ficava limitada e ele ficava nervoso, sendo assim, não havia bom proveito.

Minha mediação e intervenção ocorrem em busca da construção da autonomia dos alunos, propiciando-lhes condições para que seu desenvolvimento individual apareça. Davi, inclusive, está conseguindo, pois já sabe o que fazer, na maioria das vezes, dentro dos espaços escolares. Ele reconhece o ambiente escolar, os materiais pedagógicos, os brinquedos... É incoerente o desejo por uma escola inclusiva em que não se criem oportunidades de acesso e permanência para os portadores de necessidades educacionais especiais. Estudos apontam que, em nosso país, muitas escolas carecem de melhor preparação para ensinar os alunos com necessidades especiais, mas, não podemos esperar a transformação só por parte dos governantes, devemos criar espaços para que as práticas inclusivas ocorram em nossa sala de aula dando oportunidade a cada um, com suas especificidades, e respeitando o tempo de aprendizagem de cada indivíduo.

O trabalho que está sendo feito com o Davi não está acabado apenas nele, pois busco experiências que possam ajudar a todos com essas limitações.

A inclusão implica mudanças de perspectiva educacional para que se obtenha sucesso na corrente educativa e, também, por querer uma sociedade mais justa e igualitária. A razão disso é que esse processo não atinge apenas os alunos com deficiência e os que apresentam dificuldade de aprender, mas a todos.

Também é importante destacar que, para Vigotski (1991), a palavra, a linguagem oral, é o veículo primordial de mediação. Sendo assim, é papel do educador apoiar, intervir e mediar os indivíduos com TEA e atuar, com o maior grau de sentido e independência possível, na comunidade, para possibilitar que eles cheguem à idade adulta com o máximo de autonomia possível.

Durante esse trabalho com o aluno Davi, verifiquei que ele passou a ser mais autônomo diante de várias situações cotidianas, pois ele passou a fazer perguntas e dar respostas, já reconhecia, com segurança, o ambiente escolar, posicionava-se mais quanto ao que gostaria ou não de fazer, e passou a posicionar-se com tranquilidade, diante dos colegas e professores, quando o assunto era sua criatividade através da pintura e dos desenhos.

Nesse cenário, o brincar é uma excelente estratégia de aprendizagem da criança autista, pois pode facilitar a interação social, trabalhar a atenção, sequências, habilidades, solucionar problemas, explorar sentimentos, desenvolver causa e efeito, estimular a criatividade. As interações que a criança autista consegue estabelecer com situações

diferenciadas e inusitadas, durante as brincadeiras, propiciam-lhe vivenciar ricas experiências de aprendizagem, ao mesmo tempo em que os aproxima dos outros.

No caso de Davi, ele apresentava muita insegurança ao estar em grupo, e sempre ficava afastado dos colegas. Quando era incentivado a brincar em grupo, em um primeiro momento ele resistia, mas quando eu ia junto, para dar-lhe segurança, ele posicionava-se sempre no fundo do ambiente ou, quando necessitava de fila, sempre era o último. Porém, depois de muitas intervenções e incentivos, também por parte dos colegas, Davi passou a ver o brincar com maior alegria e não com medo dos colegas, como se apresentava anteriormente. Sozinho, na verdade, sempre gostou muito de brincar fingindo ser um pássaro, batendo os braços, fingindo parecer voar e, realmente embarcava nessa fantasia, causando-lhe muito prazer e alegria.

Compreendemos que os professores, no processo de alfabetização dos alunos autistas, devem buscar alternativas pedagógicas através das quais os alunos sejam membros participativos e atuantes do processo educacional no interior das salas de aula ou fora dela, e sua presença seja de fato considerada. Nesse sentido, é necessário sempre realizar intervenções pedagógicas que busquem a solução de problemas, tais como, não participar das atividades, o isolamento diante dos colegas, ou mesmo não aceitar as mudanças de rotina que acontecem dentro da escola, muitas vezes, necessárias. Também é fundamental reconhecer o papel do aprendiz, a especificidade da aprendizagem de cada conteúdo, bem como propor situações didáticas em que o aluno precise considerar o que ele já sabe, valorizando e partindo do esforço de realizar a tarefa proposta para aprender o que não sabe.

Uma escola inclusiva desenvolve-se em torno da igualdade de oportunidades em que os alunos, independentemente de suas diferenças, deverão ter acesso a uma educação com qualidade, capaz de responder a todas as suas necessidades. Toda escola inclusiva deve se preparar para desenvolver, de forma especial, a tentativa de atender às diferenças individuais de cada criança (SANTOS, 2011).

Como aponta Santos (2011), alunos com TEA aprendem, e os educadores precisam estar atentos às várias formas de se transmitir o conhecimento. É necessário estar atento às diferenças de cada um, preparando espaços escolares para um ensino que contemple a diversidade.

Em todos os casos de autismo a escola deve procurar uma boa parceria entre família e escola para se obter uma boa inclusão escolar. Quando se fala em parceria, esta deve estar atenta para os sinais que a criança apresenta e, geralmente, é na idade escolar que se

intensifica a interação social das crianças, podendo se perceber com maior clareza se existe a dificuldade de socialização do educando, a qual é um dos pontos mais marcantes do sintoma do aluno com TEA. A participação da família durante todo o processo educacional de crianças com TEA é fundamental, pois estes devem fazer parte desse processo, com o objetivo de tornar os ambientes familiares e escolares produtivos para esta criança (SANTOS 2011).

É comum o aluno com autismo apresentar características que podem interferir no processo de ensino e de aprendizagem: o déficit de atenção, a hiperatividade, as estereotípias e os comportamentos disruptivos. Conhecer estas características e suas peculiaridades faz parte do planejamento e do desenvolvimento de estratégias pedagógicas que proporcionam, a alunos e professores, a efetiva interação e a construção de possibilidades de otimização dos espaços de convívio. É importante que o professor seja um bom mediador nesse processo para que as características já fundamentadas nesses alunos não sejam barreiras que atrapalhem seu desenvolvimento. Com meu aluno Davi fui propondo situações em que eu ganhasse a confiança dele, como: elogiar, escutar com atenção e respeitar seu tempo de me apresentar às coisas. Ao perceber que ele começou a me ver como importante em sua vida, fui trabalhando, de forma gradativa, seu desenvolvimento, partindo do afeto para metodologias de estruturação da linguagem, leitura e escrita, como histórias e contos infantis, músicas e poemas.

Segundo Cunha (2013), alunos autistas têm inúmeras oportunidades de crescimento cognitivo, afetivo e motor e cabe ao educador conseguir conciliar teoria e prática, de modo significativo para os mesmos. O educador deve observar seu aluno, conhecendo-o em seus interesses e propondo atividades que canalizam sua atenção, mas de forma primeiramente afetiva, pois somente o afeto traz interesse. Ao tornar a aprendizagem mais significativa, esta passa a ter a participação ativa do educando. Devem ser evidenciadas as áreas do conhecimento e aptidões em que cada aluno demonstra ter mais desenvoltura (CUNHA, 2013)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação, em geral, está em um momento de transição em direção a uma educação inclusiva e percebe-se que o ensino especial é inclusivo quando se ocupa da autonomia do aluno e o capacita para o ensino regular, para a vida familiar e para a vida social. Da mesma forma, o ensino regular cumpre seu papel quando atende a diversidade discente com equidade, sem preconceitos, observando as especificidades de cada indivíduo, buscando sua formação integral (CUNHA, 2013).

Porém, a realidade em nosso país tem mostrado que muitas escolas carecem de melhor preparação para ensinar o aluno com necessidades especiais. A pouca literatura pedagógica ligada à prática na educação especial também contribui para o estado das coisas. Eu enfrento esse desafio com muitas dificuldades, pois tenho pouco suporte dentro da escola. Todavia, o desejo de ajudar e de contribuir de forma eficaz para essas crianças, me faz recorrer a livros e estudos que me auxiliem.

O aluno da educação especial precisa dispor de uma série de condições educativas em um ambiente expressamente preparado com metodologia, literatura e materiais. No ensino do aluno com TEA, não há metodologias ou técnicas salvadoras. Há sim, como falado anteriormente, grandes possibilidades de aprendizagem, considerando a função social e construtivista da escola.

Já citei que o afeto é a base para o sucesso do ensino do aluno com TEA, mas é necessária uma ratificação sistemática do que foi aprendido, repetindo-se os mesmos exercícios e atividades até o pleno domínio. Salientando que a tendência de se fixar em rotinas pode ser benéfica para a organização do seu dia a dia, porém, devendo ser dosada, pois mudanças também fazem parte da vida cotidiana.

Cabe salientar que quando incluimos, não incluimos apenas aspectos pedagógicos do sujeito, mas de todo o ser humano. Quando incluimos, educamos, e quando educamos, incluimos. E é por isso que os professores devem participar de maneira intensa da execução das políticas da educação no Brasil.

Várias leis já foram regulamentadas, como a Constituição de 1988, a Declaração de Salamanca, a LDB em 1996 e uma de suas ementas, a Lei Federal nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Esta última instituiu a política nacional de proteção dos direitos da pessoa com TEA e, dentre vários direitos, o autismo passa a ser considerado uma deficiência e, com

isso, milhares de pessoas com tal transtorno terão direito ao atendimento especializado na educação.

O sucesso de uma construção não depende exclusivamente daqueles que nela trabalham, entretanto, sabemos que quanto melhor for a formação e a capacidade daqueles que ministram os conhecimentos, maiores serão as possibilidades de sucesso.

O aluno aprende. O aluno com TEA aprende. A escola necessita se relacionar com a realidade do educando. Nessa relação, quem primeiro aprende é o professor e quem primeiro ensina é o aluno. Essa relação, de ensino e de aprendizagem, promove a troca de experiências simultâneas na qual ambos serão beneficiados, encontrando jeitos e maneiras de ensinar e de aprender.

Sabemos que não existe cura para o TEA, porém, o tratamento é baseado na educação de apoio para ajudar a criança a alcançar seu potencial. O aluno autista pode ser estimulado a desenvolver a consciência de si mesmo.

Compreendendo que a educação é um direito de todos e que a educação inclusiva tem força transformadora não somente na área educacional, mas para uma sociedade inclusiva, através do direito de acesso a uma escola regular, o aluno portador TEA pode ter uma socialização com os demais alunos. Cabe incentivá-lo a desenvolver amplo vocabulário, a participar de brincadeiras em grupo, a exercer o direito de respeitar e ser respeitado, assim como qualquer criança passa a respeitá-lo e a ver uma sociedade com diversidades, com direitos e deveres.

Percebe-se uma grande preocupação de pais, professores e estudiosos acerca de como incluir, sabendo que a inclusão só se efetivará se ocorrerem transformações estruturais no sistema educacional. Ainda existe, também, o despreparo do professor para trabalhar com a diversidade, inclusive com os alunos portadores de necessidades especiais, o que é essencial para a efetivação da inclusão. É necessário que o professor esteja preparado para definir e implementar respostas educativas às necessidades específicas do educando.

Não existe técnica ou intervenção salvadora para trabalhar com alunos autistas. A base é sempre o afeto e a comunicação com essas crianças. A linguagem é muito importante no processo de desenvolvimento, pois é o momento de organização das ideias e de elaboração do pensamento que poderá ser expressado, futuramente, de alguma forma. Durante todo o processo com Davi, utilizei uma linguagem simples, porém firme, de forma que sempre olhava para o rosto dele e pedia que ele respondesse olhando para mim, e quando eu percebia que existia falta de palavras em sua frase eu a repetia corretamente, fazendo-o perceber a frase

correta. No início ele não se preocupava em corrigi-la, mas logo que eu comecei a pedir que ele terminasse sua frase, para que eu o entendesse melhor, ele foi criando a frase antes de me falar o que passou a ser um crescimento entre a articulação do pensamento e da linguagem. Sempre eu pedia que desse um recado a um professor de outra sala ou mesmo que pedisse um material a um colega da classe, de forma que isso ia estimulando mais sua linguagem oral.

Por fim, ao final desse curso e de especialização em processo de ensino e aprendizagem na educação básica, constato que tive a oportunidade de rever meus estudos em diversos temas já estudados na graduação, porém com aprofundamento acerca da inclusão, especificamente sobre o autismo. Na escola e classe em que leciono, pude observar e analisar, o desenvolvimento e a aprendizagem de um aluno com transtorno do espectro do autismo. Identifiquei e intervi nas dificuldades apresentadas pelo mesmo quanto à socialização, rotina e expectativas.

A atenção para as preferências da criança com TEA, além do afeto, são atitudes simples do trabalho de um professor, mas que podem fazer a diferença no processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança autista.

Segundo os autores estudados, o professor precisa fazer com que as atividades sejam significativas para o aluno e fazer mediações nas interações de modo que propiciem o desenvolvimento desses sujeitos.

Apesar da complexidade dessa tarefa, pois cada aluno tem suas características próprias, realmente passei a ter a certeza de que é possível conseguir realizar mediações e contribuir para o desenvolvimento de alunos com TEA, especialmente através do afeto. Não desejo que este trabalho se resuma a apenas esse aluno, pois através dele sinto que possuo mais experiência para contribuir para o bom desenvolvimento e aprendizagem de outros alunos com esse transtorno de comportamento que possam vir a surgir em meu caminho. Que eu possa, cada vez mais, contribuir para uma eficaz inclusão na escola e na sociedade.

REFERÊNCIAS

BELISÁRIO FILHO, José Ferreira. Entrevista. **Inclusão**: Revista da Educação Especial/Secretaria de Educação Especial. V.5, n.1(jan/jul), p.4-11- Brasília: Secretaria de Educação Especial. 2010.

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, 23 de dezembro de 1996. Disponível em: < <http://www.planalto.gov.br>>.

_____. **Lei nº 12.764**, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, 23 de dezembro de 1996. Disponível em: < <http://www.planalto.gov.br>>.

CHIOTE, F. A. B. . A mediação pedagógica no desenvolvimento do brincar da criança com autismo na educação infantil. In: **35ª Reunião Anual da ANPED** - Educação, cultura, pesquisa e projetos de desenvolvimento: O Brasil do século XXI, 2012, Porto de Galinhas. Educação, cultura, pesquisa e projetos de desenvolvimento: o Brasil do século XXI, 2012.

CUNHA, Eugenio. **Autismo na escola**: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar. Rio de Janeiro: Wak editora, 2013.

RODRIGUES, Janine Marta Coelho. **A criança autista**: um estudo psicopedagógico. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2010.

SANTOS, José Ivanildo Ferreira dos. **Educação Especial**: inclusão escolar da criança autista. Editora All Print. São Paulo - SP, 2011.

SANTOS, Michele Araújo; SANTOS, M. F. S. . Representações sociais de professores sobre o autismo infantil. **Psicologia e Sociedade** (Impresso), v. 24, p. 364-372, 2012.

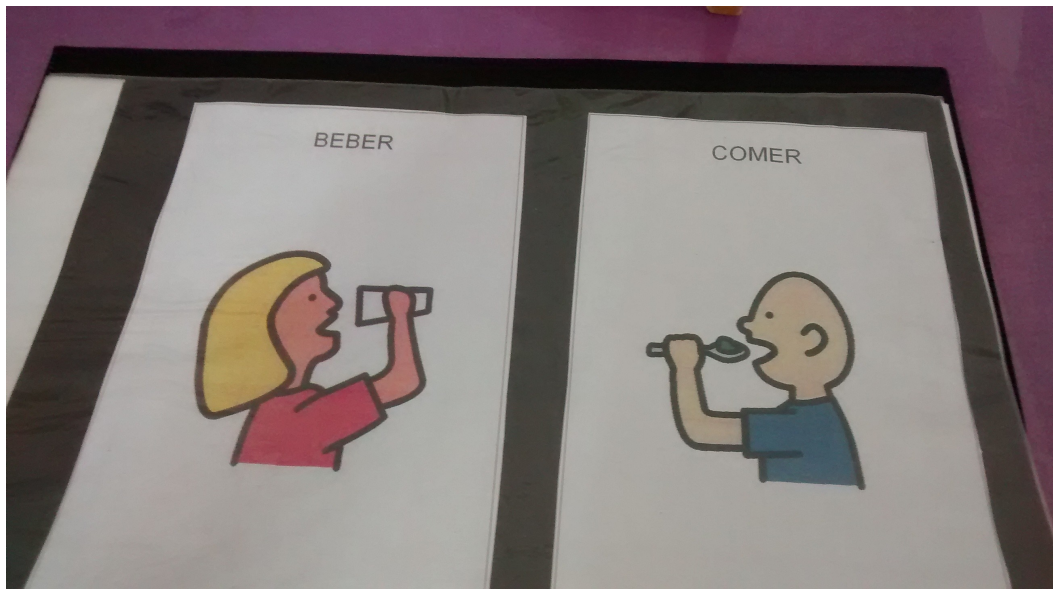
SCHMIDT, Carlo. (Org.). **Autismo, Educação e transdisciplinaridade**. 2ed. Campinas: Papyrus, 2013.

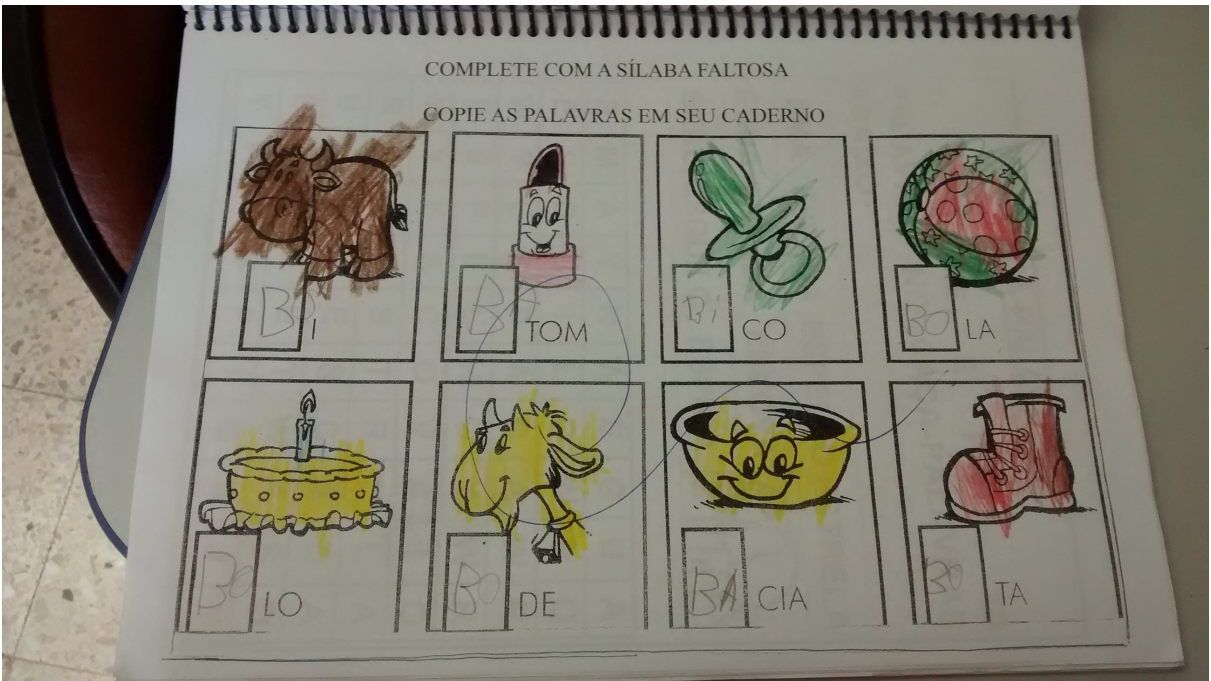
_____. Transtornos do Espectro do Autismo na Escola: Protagonismos no Processo Inclusivo. In: **35ª. reunião anual da ANPED**, 2012, Porto de Galinhas/PE. Educação, cultura, pesquisa e projetos de desenvolvimento: o Brasil do século XXI. Rio de Janeiro : ANPED, 2012. p. 185-185.

TOLEDO, Renata Ferraz de; JACOBI, Pedro Roberto. Pesquisa-ação e educação: compartilhando princípios na construção de conhecimentos e no fortalecimento comunitário para o enfrentamento de problemas. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 34, n. 122, p. 155-173, Mar. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em 27 Apr. 2015.

VIGOTSKI, L. S.. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 4ªed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ANEXOS





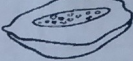
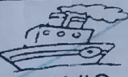




QUEM VEM ANTES?



OLHE PARA O ALFABETO DA SALA! ESCREVA, NOS QUADRINHOS, A LETRA QUE VEM ANTES DE CADA UMA DELAS.



 CARRO	 DADO
C	D

 OLHO	 PIPA
O	P

 MAMÃO	 NAVIO
M	N

 GALO	 HELICÓPTERO
G	H

 ILHA	 JANELA
I	J

 ANJO	 BOLA
A	B

Parabéns!
★